UFSM

Cadernos de Comunicação

ISSN 2316-882X
ACESSO ABERTO

Cadernos de Comunicação, Santa Maria, v. 30, e93073, 2026 https://doi.org/10.5902/2316882X93073
Submissão: 01/08/2025 • Aprovação: 21/04/2026 • Publicação: 23/09/2026

Artigos

Ipnocrazia: um estudo de caso sobre a Inteligência Artificial na produção editorial

Ipnocrazia: un estudio de caso sobre la Inteligencia Artificial en la producción editorial

Ipnocrazia: a case study on Artificial Intelligence in editorial production

Isabella Silva Favaretto[I], **Richard Romancini**[I]

[I]Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

O artigo investiga a aplicação da Inteligência Artificial (IA) no domínio da criação intelectual e de processos editoriais, em um estudo de caso do livro Ipnocrazia, desenvolvido com o propósito de gerar reflexão crítica acerca de IA, cultura e sociedade. Verifica-se se ocorre mudança na percepção pública da obra, a partir do momento em que o artifício do crédito do livro a um autor fictício e o uso de IA em sua produção são revelados. A partir de um enquadramento teórico voltado ao significado da autoria na produção de sentido em textos e às questões éticas envolvidas no uso de IA na criação intelectual, o estudo adota uma abordagem metodológica qualitativa, que combina a análise de conteúdo, material e documental do livro. Os resultados indicam que houve mudanças no modo como a obra foi percebida e avaliada, sendo vista de modo menos favorável. Embora algumas das observações e descobertas possam ser específicas para o caso, são exemplos de tendências e desafios mais amplos na produção literária impulsionada pela IA, envolvendo também o cenário sociotecnológico mundial como um todo.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Produção editorial; Ética da IA

RESUMEN

El artículo examina la implementación de la Inteligencia Artificial (IA) en el campo de la creación intelectual y de los procesos editoriales, a través de un estudio de caso del libro Ipnocrazia, desarrollado con el propósito de generar una reflexión crítica sobre la IA, la cultura y la sociedad. Examina si se produce un cambio en la percepción pública de la obra desde el momento en que se revela el artificio de atribuir el libro a un autor ficticio y el uso de la IA en su producción. Basado en un marco teórico centrado en el significado de la autoría en la producción de significado en textos y en las cuestiones éticas implicadas en el uso de la IA en la producción intelectual, el estudio adopta un enfoque metodológico cualitativo,

Artigo publicado por Cadernos de Comunicação sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

integrando el análisis de contenido, material y documental del libro. Los hallazgos sugieren que se han producido modificaciones en la percepción y evaluación de la obra, siendo percibida de manera menos favorable. A pesar de que ciertas observaciones y conclusiones pueden ser específicas del caso en cuestión, representan ejemplos de tendencias y desafíos más amplios en la producción literaria impulsada por la Inteligencia Artificial, que también impactan el escenario sociotecnológico global en su totalidad. Los resultados indican que se produjeron cambios en la percepción y evaluación de la obra, siendo vista de manera menos favorable. A pesar de que ciertas observaciones y conclusiones pueden ser específicas del caso en cuestión, son ejemplos de tendencias y desafíos más amplios en la producción literaria impulsada por la Inteligencia Artificial, que también involucran el panorama sociotecnológico global en su conjunto.

Palabras clave: Inteligencia artificial; Producción editorial; Ética de la IA

ABSTRACT

The paper examines the utilization of Artificial Intelligence (AI) in intellectual creation and publishing processes, focusing on a case study of the book Ipnocrazia, which aims to provoke critical thinking on AI, culture and society. It investigates whether public perception of the work alters upon the revelation of its attribution to a fictitious creator and the involvement of AI in its creation. Grounded in a theoretical framework that examines the significance of authorship in text interpretation and the ethical implications of AI in intellectual creation, the study employs a qualitative methodological approach, incorporating content, material, and documentary analysis of the book. The results show a shift in the perception and evaluation of the book, which is now regarded less favorably. Although certain observations and discoveries may pertain specifically to this case, they exemplify wider tendencies and challenges in AI-driven literary production, which also encompass the global socio-technological context.

Keywords: Artificial intelligence; Editorial production; Ethics of AI

1 INTRODUÇÃO

A crescente inserção da Inteligência Artificial (IA) em diversas esferas sociais tem provocado transformações profundas, e o mercado editorial, juntamente com a produção cultural, encontra-se no epicentro de um processo multifacetado de mudança. Para o setor editorial, a IA apresenta um espectro de possibilidades, desde a otimização de certos processos editoriais até o surgimento de questões complexas relativas à autoria, à originalidade e à própria natureza da criatividade.

Nesse cenário de efervescência tecnológica e debate intelectual, a produção de um livro filosófico que faz uso expressivo de IA emerge como um

fenômeno significativo. A obra e sua gênese permitem dissecar as implicações da IA na reconfiguração de conceitos como autoria, originalidade, disseminação de narrativas, concepção de verdade e a própria estrutura de construção do conhecimento (Ferreira, 2019). A controvérsia e o debate filosófico gerados por ela sublinham um fenômeno emergente em que a tecnologia transcende o papel de ferramenta para se tornar um agente cocriador (Kousha; Thelwall, 2024). É também um exemplo concreto dos dilemas éticos (transparência na autoria, potencial de manipulação) e legais (direitos autorais, propriedade intelectual) que surgem com a adoção dessas tecnologias (Ghildiyal, 2025) no âmbito do mercado editorial.

Em janeiro de 2025, o filósofo e editor italiano Andrea Colamedici lançou o livro Ipnocrazia: Trump, Musk e la Nuova Architettura della Realtà (editado em inglês, em fevereiro do mesmo ano, com o título Hypnocracy: Trump, Musk, and the New Architecture of Reality), sob o pseudônimo de Jianwei Xun. Apresentado inicialmente como uma obra filosófica tradicional, surgiu como um questionamento de dinâmicas de poder, narrativas e controle na era digital, explorando como a realidade contemporânea é construída por influências tecnológicas e midiáticas.

No entanto, o livro revelou-se um experimento sobre a autoria, a verdade e a manipulação digital, já que Colamedici utilizou inteligência artificial para gerar as ideias do livro, que foram posteriormente analisadas e refinadas por ele, desafiando as convenções da escrita e do pensamento crítico, o que adiciona uma camada metacognitiva e metalinguística à discussão proposta.

A pergunta central da pesquisa indaga: como a revelação do uso da IA e o logro autoral afetaram a recepção do livro Ipnocrazia? Essa questão nos leva a abordar o desenvolvimento, produção, publicação e distribuição da obra no contexto da era digital, discutindo o microcosmo criado em Ipnocrazia acerca de IA, cultura e sociedade (Ferreira, 2019). Para tanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o livro Ipnocrazia como estudo de caso para compreender as implicações das dinâmicas sociotecnológicas no mercado editorial. Já os objetivos específicos são: a) examinar a

colaboração humano-IA empregada na criação da obra, abrangendo sua dimensão performática e a concepção da persona Jianwei Xun; b) investigar os debates ético-legais e a recepção pública sobre a coautoria de IA.

As dimensões teóricas do trabalho são apresentadas a seguir, com enfoque nas discussões sobre a construção de significado a partir de convenções socioculturais e sobre autoria humana e de IA; depois, a metodologia articula os três níveis de investigação empregados na pesquisa e seu enquadramento na era digital gerida pela IA; então, nas análises, em um primeiro momento, as ideias da obra são sintetizadas, em seguida é feita uma contextualização de seu desenvolvimento e do nascimento do seu autor fictício, para então serem analisados os aspectos de sua materialidade e de sua recepção pelo público, trazendo à tona a dimensão ética; posteriormente, as considerações finais retomam os pontos centrais do artigo e suscitam pontos para pesquisas futuras.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIAS

A maneira como a autoria afeta a produção de significado de textos pode ser entendida a partir da teorização de Stanley Fish (1980) que defende a centralidade das "comunidades interpretativas" nesse processo. O autor argumenta que o significado é produto de estratégias de leitura compartilhadas por comunidades (críticos, acadêmicos, leitores comuns etc.) que, em seus processos de interpretação, determinam os sentidos de um texto. As comunidades interpretativas elaboram interpretações a partir de convenções sociais e culturais historicamente estabelecidas, fazendo com que a autoria transcenda apenas um nome na capa, tornando-se uma instituição social.

Quando uma comunidade, seja acadêmica ou literária, aborda um texto, ela opera sob a premissa de uma intencionalidade humana, isto é, que por trás das palavras exista um sujeito capaz de responsabilizar-se pelo que foi dito. Assim, espera-se que um texto publicado numa revista científica seja uma produção estabelecida, e não uma fraude ou logro, sendo um texto publicado por alguém com prestígio lido e

interpretado diferentemente de outro, de pessoa desconhecida. Dessa forma, o papel da autoria humana é descentrado, mas possui relevância em termos das leituras feitas pelas comunidades interpretativas.

Seguindo essa convenção, a autoria de prestígio ou o rigor de uma revista científica funcionam como selos de confiança que orientam a interpretação e, ao introduzir a IA, esse mecanismo é tensionado, já que as pessoas projetam num texto lido, mesmo que ele não informe quem o fez, uma autoria humana implícita. Se o valor de um texto está atrelado à experiência e à intencionalidade do autor, o uso omisso de IA atua como uma quebra de confiança, frustrando as expectativas da comunidade interpretativa e gerando enganos interpretativos, como a atribuição de intenções humanas a resultados automatizados de produção textual. Esse cenário torna-se uma problemática do ponto de vista ético, principalmente se os valores dados a textos produzidos por seres humanos e por inteligências artificiais divergem em determinada comunidade interpretativa, impedindo que suas estratégias de validação sejam adequadamente aplicadas. A integridade da experiência interpretativa, então, é afetada, uma vez que as expectativas de certa comunidade quanto à produção textual são frustradas. Vale notar que um dos poucos consensos da comunidade acadêmica sobre o uso da Inteligência Artificial Generativa na pesquisa é que ela não é uma autora legítima, uma vez que ferramentas desse tipo não podem assumir responsabilidade moral ou legal pela originalidade, precisão e integridade do trabalho, nem sustentar a veracidade de suas afirmações (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024).

Os estudos recentes (Messeri; Crockett, 2024; Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024) sobre ética da IA e propriedade intelectual têm como pano de fundo essa preocupação de preservar a integridade da interpretação, algo que se reflete no campo jurídico. Isso inclui discussões sobre transparência e responsabilidade em sistemas de IA (Larsson; Heintz, 2020), bem como debates sobre direitos autorais para obras geradas ou assistidas por eles. O conceito de "autoria humana suficiente", conforme discutido por órgãos como o US Copyright Office (United States Copyright Office, 2025) e o

European Union Intellectual Property Office (EUIPO, 2025), e as implicações de marcos regulatórios como o AI Act da União Europeia, com suas exigências de transparência para conteúdo gerado por IA (União Europeia, 2024) vão na mesma direção, servindo para garantir que o leitor saiba com qual agente está interagindo, permitindo que a comunidade interpretativa ajuste suas lentes críticas à natureza do conteúdo.

Alguns trabalhos (Kozinets; Seraj-Aksit, 2024; Pimentel; Carvalho; Silveira, 2024) sobre o uso da IA no mercado editorial abordam temas como o processo de coautoria humano-IA, o que coloca em discussão os limites da parceria em termos de originalidade. A IA poderia idealmente oferecer suporte para a reflexão do autor, como um parceiro de brainstorming – como foi a intenção de Colamedici ao trabalhar conjuntamente com a IA para gerar uma reflexão filosófica –, e não seria um substituto do escritor (Ghildiyal, 2025; Hutson, 2025). Sobre o uso dessas inteligências para criação de textos com enfoque na produção editorial, nota-se que a relação da cadeia autor-texto-leitor é ressignificada.

Acerca da validação acadêmica em produções feitas com IA, temos, no contexto atual, a elaboração de instrumentos de controle para detecção de IA, como detectores de plágio e de autoria robótica, verificadores de referências e de estrutura dos textos, entre outros (Kousha; Thelwall, 2024). No caso de Ipnocrazia, o autor desviou da publicação tradicional para evitar esses processos, com a intenção de que seu "experimento" fosse bem-sucedido. Dessa forma, o projeto assume um caráter performático, sendo que o autor não apenas faz uso da IA, mas também testa os limites da comunidade interpretativa ao expor como a ausência de filtros de controle permite que o experimento de coautoria seja aceito como produção puramente humana, evidenciando a vulnerabilidade dos nossos sistemas de atribuição de sentido.

3 METODOLOGIA

A pesquisa combina elementos de análises documental, material e de conteúdo para explorar as múltiplas facetas do livro Ipnocrazia: Trump, Musk e la

Nuova Architettura della Realtà, articulando dados e métodos para sustentar suas interpretações em três níveis.

Primeiramente, buscando contextualizar o processo de produção da obra e a criação da figura de Juanwei Xun, foi feita uma coleta documental de entrevistas com o autor, registros jornalísticos, materiais promocionais e dados de circulação editorial, investigando-se informações sobre a sua persona, o papel de Andrea Colamedici como idealizador e "coautor", e o processo de criação envolvendo Inteligência Artificial. Aqui, a análise documental ganha novas camadas no contexto digital dominado pela IA, já que, conforme destaca Arosio (2024), o pesquisador não lida apenas com fontes arquivísticas estáticas, mas com documentos mediados por plataformas onde algoritmos de recomendação e bancos de dados automatizados influenciam a disponibilidade e a relevância dos dados. O estudo de caso, nesse sentido, não é apenas sobre o livro, mas também sobre o ecossistema digital que o sustenta, evidenciando como a digitalização e a IA transformam o acesso e a interpretação das fontes.

Paralelamente, a fim de compreender a estratégia comunicacional e editorial do objeto, aplicou-se uma análise material das características do livro e suas reverberações, na qual o foco recairá sobre elementos físicos como capa, sumário e canais de distribuição, e sobre os detalhes de publicação, conectando a editoração à tese central da obra. A análise material do livro físico em uma era de IAs permite entender como, atualmente, o suporte tradicional pode ser utilizado para conferir autoridade a discursos que nascem da fluidez algorítmica, fazendo com que plataformas e interfaces se tornem parte da própria materialidade da obra, assim configurando um objeto tecnopolítico que articula plataformização, datificação e performatividade algorítmica (Lemos, 2026), algo que funciona como âncora para a "nova arquitetura da realidade" descrita por Colamedici. Metodologicamente, os procedimentos de análise permanecem ancorados na descrição dos elementos formais e na interpretação de seus sentidos; o que se altera é a escala e a complexidade do ecossistema analisado, no qual decisões editoriais dialogam com métricas digitais e algorítmicas.

Por fim, para avaliar a recepção pública do livro, realizou-se uma análise de conteúdo de críticas especializadas e comentários na plataforma GoodReads, transformando a percepção social em dados concretos sobre a ressonância da obra. A técnica enfrenta desafios próprios do ambiente digital, que é permeado por grandes volumes de dados, presença de perfis automatizados, textos gerados por IA, anonimato, performatividade das interações online e lógica de ranqueamento algorítmico. Conforme destacam Kozinets e Seraj-Aksit (2024) ao proporem o conceito de "netnografia assistida por IA", a análise de conteúdo, nesse cenário, demanda atenção redobrada quanto à autenticidade das fontes. Ainda que os procedimentos técnicos permaneçam semelhantes em estrutura, na era das IAs a escala, a velocidade e a volatilidade do material exigem uma reflexão epistemológica sobre autoria, intencionalidade e agência.

A pesquisa, portanto, assume uma postura crítico-reflexiva, reconhecendo que investigar uma obra produzida em diálogo com Inteligência Artificial implica também revisar e atualizar os próprios instrumentos analíticos, incorporando ao método a crítica das tecnologias que atravessam tanto o objeto quanto o processo de investigação.

4 ANÁLISES

4.1 Síntese Das Ideias Da Obra

A obra Ipnocrazia: Trump, Musk e la Nuova Architettura della Realtà apresenta uma análise crítica da sociedade contemporânea, argumentando que estamos vivendo sob um novo regime de poder denominado "hipnocracia" (junção de "hipocrisia" e "hipnose"). Essa forma de poder não opera primariamente através da coerção física ou da opressão direta, mas pela elaboração de narrativas que moldam a percepção individual e coletiva da realidade. Como notam Algan e Babinet (2025, tradução nossa), a hipnocracia representa "o poder e a dominação das fantasias", que atua "diretamente, i.e., algoritmicamente, sobre a consciência, criando estados alterados permanentes

através da manipulação digital da atenção e da percepção". Esta manipulação não se dá apenas pela censura, mas pela "saturação de estímulos, a gestão de imaginários e a criação de narrativas capazes de modular desejos coletivos e colonizar o inconsciente".

O livro dedica atenção particular às figuras de Donald Trump e Elon Musk, apresentando-os como estudos de caso proeminentes de indivíduos que atuam como "arquitetos" desta "nova arquitetura da realidade". Andrea Colamedici, o autor por trás da persona de Xun, explica, em entrevista para a revista Wired, que

> Hoje, Trump e Musk multiplicam realidades com IA. A tecnologia nos permite criar narrativas infinitas, versões paralelas do mundo, e eles brincam com isso. Não se trata mais de esconder a verdade tirando-a da mesa, mas de empilhar tantas mentiras na mesa que a verdade é afogada (Colamedici, 2025, tradução nossa).

O livro também propõe uma reflexão filosófica sobre a condição humana na era digital. Na mesma entrevista para a revista Wired, Andrea Colamedici articula ideias que ressoam com os temas do livro, como a noção de que "estamos perdidos, mas não nos importamos o suficiente com isso". Ele enfatiza a necessidade de "sentir paixão pelas dúvidas" como o "começo da filosofia", sugerindo que a realidade "não termina onde ela diz que termina" e que há uma importância vital em questionar a própria percepção e as narrativas que nos são apresentadas, assim construindo o senso crítico.

Esses pontos filosóficos conectam-se diretamente com a tese central de Ipnocrazia, já que a perda de referenciais estáveis, a aceitação acrítica de narrativas simplificadas e a diminuição da capacidade de duvidar e investigar criticamente são, segundo essa perspectiva, fatores que contribuem para a consolidação desse estado hipnótico perpetrado por Trump e Musk. Assim, o livro, ao focar em suas figuras, não estaria apenas realizando uma crítica política ou midiática, mas utilizando-os como sintomas de uma condição epistemológica mais profunda: a erosão da distinção entre realidade e simulação na era digital.

4.2 Contexto De Produção De *Ipnocrazia* E A Gênese De Jianwei Xun

A obra emergiu no cenário editorial em um contexto de produção singular, deliberadamente concebida para provocar reflexão sobre a autoria e a natureza da realidade na era digital. A partir de um corpus documental composto por declarações do próprio autor, materiais promocionais, dados de circulação editorial e matérias jornalísticas, seguiu-se uma análise sobre a narrativa pública inicial de autoria, os relatos posteriores sobre o processo efetivo de escrita e as interpretações críticas divulgadas após a revelação do experimento. Esse procedimento permitiu identificar uma estratégia editorial que transcende a mera publicação de um texto para se tornar uma performance filosófica.

Os documentos indicam que Ipnocrazia foi inicialmente atribuído a um filósofo fictício de Hong Kong, Jianwei Xun. Andrea Colamedici, embora apareça na página de créditos apenas como tradutor, na realidade foi o autor (ou "coautor") do livro, trabalhando em conjunto com duas plataformas de inteligência artificial, ChatGPT e Claude (Colamedici, 2025). Em entrevistas posteriores, ele descreveu o processo como o desenvolvimento de um método de "criação de oposição", afirmando que não pediu às máquinas para escreverem por ele, mas as utilizou para gerar ideias e, crucialmente, para criticar seus próprios rascunhos, numa tentativa de "simular a investigação filosófica" e explorar múltiplas perspectivas, admitindo uma "codependência criativa" com as ferramentas de IA e constatando: "tudo o que está escrito no livro é meu" (Colamedici, 2025, tradução nossa). Essa ambivalência, evidenciada nos próprios registros documentais, sugere uma colaboração complexa entre humano e IA, que vai além da simples geração automática de texto, configurando uma forma híbrida de autoria.

A análise dos materiais promocionais e da cobertura jornalística anterior à revelação da autoria mostrou ainda que a obra alcançou circulação internacional e reconhecimento crítico sob a premissa de autoria humana individual. Antes da

revelação da autoria, Jianwei Xun foi apresentado como "um filósofo e teórico da mídia que trabalha na interseção da teoria crítica, estudos digitais e filosofia da mente" e o livro foi promovido como um "mapa essencial para entender como o poder opera na era da percepção manipulada" (Xun, 2025). Essa estratégia de promoção inicial fez com que Ipnocrazia alcançasse uma "ampla leitura" e fosse "elogiado por tecnocratas de alto nível" em várias traduções, incluindo italiano, francês e espanhol – e até 28 de abril de 2025 tivesse vendido cinco mil cópias (Colamedici, 2025), antes que a realidade sobre sua autoria fosse divulgada. A natureza híbrida e colaborativa da obra creditada a Xun só foi revelada em abril de 2025, através de publicações como a da revista L'Espresso (Minardi, 2025).

É a partir dessa comparação documental que se chega à interpretação de que a aceitação inicial do público leitor, construída sobre a premissa de autoria humana, revela uma vulnerabilidade crítica na forma como a credibilidade é estabelecida e consumida na era digital, uma vez que leitores e figuras importantes da tecnologia foram influenciados pela narrativa e pela autoridade percebida de uma entidade não existente. Ao se levar em conta que, segundo o autor, a decisão de não divulgar inicialmente o envolvimento da IA foi deliberada, enquadrada como um experimento filosófico e uma performance artística, faz-se um reforço da própria tese do livro sobre "narrativas hipnóticas" e percepção manipulada, demonstrando que a apresentação e o contexto de uma obra podem, inicialmente, sobrepor-se às suas verdadeiras origens.

Com essa estratégia, Colamedici buscava combater a "apatia cognitiva" e expor as armadilhas de delegar progressivamente os processos de pensamento crítico às máquinas (Colamedici, 2025) de modo que o experimento filosófico, ao mesmo tempo em que visava expor a manipulação, empregou a própria manipulação como método. Essa contradição inerente levanta questões significativas sobre os limites éticos da investigação acadêmica e filosófica, especialmente quando a abordagem envolve enganar o público, quebrando expectativas das comunidades interpretativas de leitores cultos e acadêmicos e, potencialmente, violando normas

legais emergentes. Portanto, o contexto de produção torna-se uma manifestação direta das preocupações temáticas da obra.

4.3 Materialidade E Disseminação

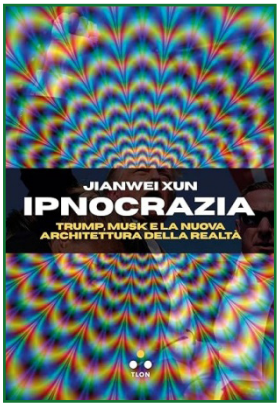
Ao prosseguir-se com a análise material da obra, considerando seus elementos paratextuais, gráficos e editoriais (capa, página de créditos, estrutura interna, escolhas de publicação e suporte material), busca-se examinar como a materialidade do livro, e não apenas seu conteúdo textual, participa da construção de sentido e sustenta a interpretação de que Ipnocrazia performa a própria teoria que enuncia.

A partir da análise de entrevistas concedidas por Andrea Colamedici, identificou-se sua intenção de que Ipnocrazia fosse uma obra que "simultaneamente explica uma teoria e a encarna" (Colamedici, 2025, tradução nossa). A revelação da coautoria da IA e da natureza fabricada de Jianwei Xun "adicionou uma dimensão performativa que incorporou perfeitamente suas reivindicações teóricas" (Minardi, 2025, tradução nossa) sobre a construção da realidade na era digital. O livro tornou-se, assim, um metacomentário sobre sua própria criação e sobre a capacidade crescente da IA de produzir um "discurso coerente e convincente", influenciando o debate intelectual.

Essa perspectiva reforça a ideia de que a produção de Ipnocrazia foi um ato com implicações políticas e epistemológicas. Ao "performar" a criação de uma realidade – o autor Jianwei Xun – e depois desvendá-la, Colamedici, conforme afirmado em entrevistas, buscou gerar uma reflexão sobre os processos de validação do conhecimento e a natureza da autoridade no discurso intelectual, especialmente em uma era em que a IA pode gerar textos com aparência de profundidade e originalidade. A afirmação de Colamedici de que o livro, se assinado por ele, "teria vendido mais [...], mas faria pensar menos" (Colamedici, 2025) sugere uma intenção de utilizar o choque e a controvérsia como ferramentas para provocar uma reflexão mais profunda, um método que, embora eticamente discutível, alcançou o objetivo de gerar debate, segundo indicado pelos dados analisados.

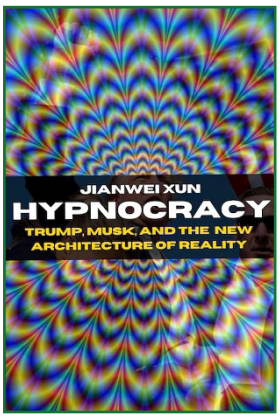
No que tange a materialidade do livro, o autor faz uso de táticas para concretizar a metalinguagem obra-meio, e o primeiro eixo de análise concentrou-se na capa das edições italiana e em inglês (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Capa da edição original em italiano



Fonte: Reprodução do site da Amazon

Figura 2 – Capa da edição em inglês



Fonte: Reprodução do site da Amazon

A observação do efeito holográfico como elemento visual central permitiu interpretar a materialidade gráfica como uma metáfora sensível da "hipnose" e da manipulação perceptiva discutidas no texto, algo que, dentro do contexto da obra poderia representar tanto a hipnose manipulatória de figuras como Trump e Musk quanto a intenção de "hipnotizar" o próprio leitor ao olhar para a capa, concretizando

uma certa metalinguagem. Além disso, a presença da imagem de Donald Trump, associada à suposta tentativa de assassinato contra o político em um comício na Pensilvânia (um episódio amplamente midiatizado durante sua campanha), toma posição central na capa, funcionando como reforço imagético da centralidade da construção narrativa do poder. Essa interpretação não decorre apenas de leitura simbólica subjetiva, mas da articulação entre o efeito óptico gerado, a temática declarada de manipulação da percepção e o contexto performático do projeto.

O segundo eixo consistiu na análise estrutural do capítulo inicial da obra, intitulado "Experimento de Berlim". O procedimento adotado foi a leitura comparativa entre o enredo desse capítulo e os dados documentais sobre a própria gênese de Ipnocrazia.

O capítulo narra a história de um grupo de acadêmicos que elabora um autor fictício e um livro falso, o qual, para surpresa de seus criadores, torna-se um sucesso no ambiente cultural, sendo amado, comentado e discutido. Colamedici explicitamente afirmou que este capítulo foi incluído como uma "pista" para o leitor, uma "representação do que Ipnocrazia realmente é" (Colamedici, 2025, tradução nossa), sendo uma chave para a compreensão da natureza do próprio projeto.

A correspondência estrutural entre ficção interna e realidade editorial externa permitiu sustentar a perspectiva de que o capítulo, juntamente com a capa do livro, reforçam a sua dimensão performática e sublinham a tese sobre a construção social (e, neste caso, tecnológica) da autoridade intelectual. Partindo da convergência entre análise textual interna e evidências externas sobre o processo de produção, observou-se que esses dispositivos metanarrativos funcionam como um convite à suspeita e à reflexão crítica, incitando o leitor a questionar a natureza do texto que tem em mãos e a própria figura do autor.

A análise material também incluiu o exame das páginas de créditos das diferentes edições. Na edição italiana, Colamedici aparece como tradutor e responsável pela capa de uma obra supostamente escrita por Jianwei Xun, traduzida do inglês. Além disso, há atribuição formal de copyright ao autor fictício em 2024 e à editora Tlon em 2025, que

teria adquirido os direitos autorais do autor fictício para fazer a publicação (inclusive deixando explícito no parágrafo subsequente que é permitida a reprodução do material do livro, contanto que não haja comercialização). A comparação entre essas informações editoriais revelou que a encenação da autoria fictícia não se limitou ao plano discursivo, mas foi formalizada juridicamente no paratexto.

Observando, por outro lado, a edição em inglês (Hypnocracy), verificou-se que sua publicação foi feita por meio da plataforma Amazon Kindle Direct Publishing. A escolha pela publicação via KDP foi interpretada a partir da análise das características materiais desse modelo editorial, que envolvem baixa barreira de entrada, fornecendo ISBNs gratuitamente para autores e permitindo que publiquem gratuitamente, padronização gráfica e ausência de mediações tradicionais como revisão por pares. Esses elementos foram correlacionados com a tese central da obra sobre a invisibilidade das estruturas que sustentam a produção de realidade. Assim, a "invisibilidade" do processo editorial, característica da autopublicação digital, foi interpretada como paralela à invisibilidade inicial da coautoria com IA, contribuindo para a crítica performática do livro sobre a facilidade com que a arquitetura subjacente da realidade (ou a produção de um livro) pode ser negligenciada, e estabelecendo uma analogia entre forma de circulação e conteúdo teórico.

Paralelamente a isso, ao optar pela publicação independente via KDP, Colamedici contornou os processos acadêmicos tradicionais, como a revisão por pares e as editoras estabelecidas (Kousha; Thelwall, 2024). Essa escolha, embora tenha permitido a realização rápida do "experimento" com total controle, simultaneamente posicionou a obra fora da validação acadêmica convencional.

Dessa forma, a análise material permite afirmar que a dimensão performática do livro é verificável em sua materialidade concreta. A capa, o capítulo "Experimento de Berlim", a atribuição fictícia de autoria e a escolha pela autopublicação não são elementos acessórios, mas dispositivos estruturais que tornam o livro um metacomentário sobre autoridade intelectual, validação do conhecimento e os limites

entre produção textual humana e tecnológica.

4.4 A Recepção Do Público Leitor E Debates Éticos

Dando continuidade à análise do caso, buscou-se investigar as reverberações da revelação da coautoria de IA na recepção pública e crítica da obra. O escopo da investigação foi feito com três conjuntos de dados, sendo eles reportagens e reações midiáticas sobre o caso, comentários de leitores na plataforma GoodReads, e dados quantitativos de avaliação antes e depois da revelação da autoria híbrida.

Inicialmente, foram examinadas matérias jornalísticas que noticiaram a descoberta de que Jianwei Xun não existia e que o livro fora parcialmente produzido com auxílio de IA. A revelação foi conduzida por Sabina Minardi, editora-chefe da revista italiana L'Espresso, após sucessivas tentativas de entrevistar o suposto autor (Minardi, 2025). Em resposta a essa revelação, o jornal El País, que havia inicialmente escrito sobre a obra, removeu seu artigo (Limón, 2025). Esse evento provocou um amplo debate e reação negativa online por parte de leitores e da mídia, com muitos expressando que se sentiram traídos.

A revelação de que Xun não existia e que a obra era, em parte, produto de Inteligência Artificial, desencadeou um intenso debate sobre as implicações éticas, legais e sociais da autoria híbrida e da transparência na publicação. Questões sobre engano, autenticidade e a tênue linha entre criação artística e manipulação deliberada vieram à tona. Embora Colamedici defendesse o propósito acadêmico e artístico do projeto, buscando "destacar os perigos" da IA e "convidar ao seu uso consciente" (Colamedici, 2025, tradução nossa), segundo os dados analisados, parte da crítica e do público questionou a validade desses objetivos frente ao método empregado. Alguns viram a iniciativa como uma estratégia de marketing engenhosa, enquanto outros expressaram preocupação com o potencial abalo da confiança entre autores, editores e leitores.

Ademais, a não divulgação inicial da coautoria da IA foi apontada como uma violação da legislação da União Europeia sobre inteligência artificial, que preconiza a transparência na identificação de conteúdo gerado por IA (União Europeia, 2024),

algo que Colamedici deveria seguir, já que é cidadão de um país pertencente à UE. Este aspecto legal adiciona outra camada à controvérsia, sublinhando a crescente interseção entre inovação tecnológica, práticas editoriais e legislações emergentes. A avaliação do efeito da revelação na recepção do livro e as questões éticas levantadas tornam-se, assim, centrais para compreender o caso.

A controvérsia em torno de Ipnocrazia não é um caso isolado, mas parte de uma tendência mais ampla de reação pública e midiática contra o conteúdo gerado por IA não divulgado. O sentimento de "traição" por parte do público, ecoado em outras controvérsias de conteúdos gerados por IA, indica uma erosão significativa da confiança nas noções tradicionais de autoria e integridade jornalística (Ferreira, 2019). Dessa forma, unindo a intenção manipuladora da obra e os dados jornalísticos de sua recepção, chega-se a observação de que essa controvérsia serve, portanto, como um microcosmo do desafio social mais amplo de distinguir a verdade gerada por humanos da fabricação algorítmica, um tema central para o próprio conteúdo do livro.

Em paralelo, para verificar a reverberação da revelação, foi empregada a coleta de dados por meio de comentários feitos acerca da obra, uma vez que as avaliações feitas online ilustram a recepção da obra em específico e no geral a reação do público ao uso de IA no meio editorial. Para fins analíticos, os comentários foram organizados em dois blocos temporais: anteriores e posteriores à revelação da coautoria com IA.

A plataforma de leitura da qual os comentários foram retirados foi a GoodReads[1], do grupo Amazon, espaço digital em que a obra foi mais avaliada e comentada. Na plataforma[2], o livro possui nota geral de avaliação de 3,45 estrelas (sendo a nota máxima 5), com 169 avaliações e 38 comentários, até o mês de julho de 2025. Além disso, 52 pessoas estão lendo o livro atualmente e 388 pessoas querem ler, de acordo com o site. Os leitores são de todas as edições do livro, embora predominem comentários em italiano, ao que tudo indica de pessoas desse país.

Em alguns comentários antes da descoberta, lê-se que (tradução nossa):

[1] Disponível em <https://www.goodreads.com/>. Acesso em 7 jul. 2025.
[2] Ver <https://bit.ly/45XnuhT>. Acesso em 7 jul. 2025.

> "Com um estilo assertivo e sintético semelhante ao de Byung-Chul Han, mas sutilmente mais lírico e evocativo, Xun levanta a tela que obscurece o mecanismo no qual estamos presos. Talvez questionável em muitas passagens, mas ainda é uma leitura que desejo a todos."
> "Terrivelmente interessante. Uma abordagem eternamente versátil que vale a pena aprender a aplicar. Super recomendado!!"
> "Bem escrito, talvez repetitivo às vezes, mas ainda com várias ideias interessantes." (Tradução livre de trechos de comentários em italiano)

Já em comentários depois da revelação da autoria da obra, lê-se:

> "A operação exigiu muito tempo e um nível considerável de expertise. Por enquanto, parece-me que um dos efeitos desejados foi alcançado: o assunto está sendo amplamente comentado."
> "Só li este livro depois de saber da sua gênese, ou melhor, por causa de todas as disputas e críticas que Colamedici teve que suportar de todos aqueles que se sentiram ofendidos e ridicularizados."
> "[...] Na melhor das hipóteses, parece um fenômeno do TikTok para ganhar dinheiro. A menos que mais informações venham à tona, recomendo a leitura de outra coisa [...] Mas, infelizmente, se a IA continuar a avançar nesse ritmo (com a geração de imagens e vídeos que parece absolutamente impossível identificar se são verdadeiros ou não), poderemos eventualmente chegar a um ponto em que todas as formas de entretenimento e arte sejam inteiramente dominadas por máquinas, e muito mais. Este pode muito bem ser o primeiro sinal dessa mudança." (Tradução livre de trechos dos comentários em italiano).

Nos comentários anteriores à descoberta, predominavam elogios ao estilo e menções a densidade filosófica e originalidade. Alguns leitores comparavam o autor a Byung-Chul Han, destacando o caráter ensaístico e reflexivo da obra. A média das avaliações nesse período foi de 3,9 estrelas. A interpretação de que havia recepção predominantemente positiva decorre da recorrência quantitativa de termos avaliativos positivos e de poucas menções críticas ao processo de produção.

Após a revelação, entretanto, outros tipos de apontamentos surgiram, mencionando tópicos como sensação de traição, crítica ao uso de IA, acusação de estratégia de marketing e desconfiança quanto à autenticidade. A média das avaliações caiu para 3,2 estrelas, e o foco dos comentários deslocou-se do conteúdo filosófico para o método de produção da obra. Essa mudança temática, identificada pela comparação das opiniões antes e depois do evento, fundamenta

a interpretação de que a recepção foi significativamente reconfigurada pela informação sobre a autoria híbrida.

Além de afetar expectativas usuais de leitores cultos e acadêmicos, a provável "comunidade interpretativa" do livro, a não divulgação do envolvimento da IA em Ipnocrazia constituiu uma violação da nova Lei de IA da União Europeia, adotada em dezembro de 2023 e aprovada pelo Parlamento Europeu em março de 2024, que exige a rotulagem clara de textos, vídeos ou áudios gerados por IA por cidadãos da UE, independentemente da localização da empresa.

Também do ponto de vista legal, o conteúdo gerado por IA pode não ser elegível para proteção de direitos autorais, pois a legislação de direitos autorais de alguns países, como os EUA, exige autoria humana (United States Copyright Office, 2025), logo seria um equívoco o mencionado copyright inserido no livro. A condição de proteção intelectual ao livro Ipnocrazia é precária aos olhos dessa legislação, pelo fato de ele utilizar amplamente Inteligências Artificiais. Essa ambiguidade legal adiciona uma camada à "nova arquitetura da realidade" que o livro descreve, sugerindo que as próprias estruturas legais e econômicas que sustentam a produção do conhecimento estão sendo desestabilizadas pela IA, forçando uma reavaliação do que constitui produção intelectual "original" e "proprietária". Esse cenário exemplifica como as escolhas editoriais podem se tornar parte integrante do significado filosófico de uma obra, borrando as fronteiras entre arte, filosofia e experimento social.

A mudança na avaliação da obra não decorreu de alteração textual, mas da reconfiguração do horizonte interpretativo dos leitores diante da informação sobre a coautoria com IA. Assim, ao aglutinar a análise das reportagens e reações institucionais, a comparação quantitativa e qualitativa dos comentários antes e depois da revelação e o exame das normas legais, os dados resultam na interpretação de que as escolhas editoriais, especialmente a omissão inicial da participação da IA, tornaram-se parte constitutiva do significado filosófico e social do livro, borrando as fronteiras entre obra, experimento e estratégia de circulação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre o livro Ipnocrazia, mostrado ao longo deste trabalho, destaca a forte preferência do público por obras criadas por humanos, considerando a autoria de IA não divulgada como enganosa. Provavelmente, esse fato se relaciona com padrões e convenções que a "comunidade interpretativa" de um livro dessa natureza ainda espera. Assim, controvérsia indica que, embora a IA possa ser uma ferramenta, a assinatura humana – seja por meio do controle editorial final, da conceituação única ou da decisão ética de divulgar – permanece fundamental para a autenticidade e a confiança. Isso exige, no cenário atual, um discurso mais sofisticado sobre "autoria" que contemple processos criativos híbridos, ao mesmo tempo em que exista transparência.

O cenário legal emergente e a expectativa pública exigem transparência proativa por parte de editores e autores em relação ao envolvimento da IA, o que redefine o papel da supervisão editorial, que passa de um controle de qualidade para uma função de garantir que a materialidade do texto (incluindo sua proveniência) seja claramente comunicada para manter a confiança do leitor em um ambiente de informação cada vez mais mediado.

Embora controversa, a situação de Ipnocrazia, especialmente sua narrativa pós-revelação, serve como uma ferramenta pedagógica para os estudos midiáticos. Ao vivenciar a manipulação e sua revelação, os leitores são confrontados diretamente com os mecanismos da "hipnocracia" – como as narrativas são construídas, como a autoridade é percebida e como a IA pode influenciar a percepção. Isso torna a jornada editorial e material do livro tão importante quanto seu conteúdo para fomentar o engajamento crítico com narrativas algorítmicas, buscando cumprir o objetivo declarado de Colamedici de combater a "apatia cognitiva" por meio de uma demonstração direta, ainda que eticamente ambígua.

A análise do livro revela, assim, um fenômeno complexo ligado às transformações impulsionadas pela Inteligência Artificial no mercado editorial e na sociedade digital. A

investigação permitiu constatar que a obra, tanto por seu conteúdo temático quanto por seu singular processo de criação, opera como um espelho e um catalisador dos debates contemporâneos sobre autoria, manipulação narrativa, construção da realidade e limites ético-legais da IA.

A materialidade da obra e as escolhas de formato e distribuição, refletem uma estratégia para contornar os canais acadêmicos tradicionais e alcançar um público mais amplo. Essa abordagem, embora tenha facilitado o "experimento", também expôs as fragilidades do sistema editorial contemporâneo, como a falta de revisão por pares em publicações independentes.

A controvérsia subsequente à revelação da autoria por IA sublinhou a suscetibilidade do público à credibilidade fabricada e a capacidade de manipulação na autoria e na mídia, impulsionando discussões sobre a necessidade de transparência. As implicações legais, particularmente em relação à Lei de IA da UE e à elegibilidade de direitos autorais para conteúdo gerado por IA, destacam a precariedade da propriedade intelectual em cenários de autoria híbrida e a urgência de regulamentações claras.

Para pesquisas futuras, sugere-se aprofundar estudos de recepção de obras cocriadas por IA, para entender melhor as expectativas e reações do público. Além disso, a investigação sobre como as próprias IAs podem ser utilizadas para promover o pensamento crítico e a detecção de manipulação narrativa, em vez de apenas contribuírem para ela, abriria novas perspectivas para um uso mais consciente e benéfico dessas tecnologias.

REFERÊNCIAS

ALGAN, Y.; BABINET, G. AI and democracy: the coming civilization. **HEC Paris**, Paris, 14 fev. 2025. Disponível em: https://bit.ly/4lLlIVT. Acesso em: 7 jul. 2025.

AROSIO, L. From diaries to digital: the role of AI in web-mediated documentary analysis. **Sociology Study**, [S. l.], v. 14, n. 5, p. 213-227, 2024. Disponível em: https://www.davidpublisher.com/index.php/Home/Article/index?id=51382.html. Acesso em: 2 fev. 2026.

COLAMEDICI, A. A philosopher released an acclaimed book about digital manipulation. The author ended up being AI [Entrevista concedida a Anna Lagos]. **Wired**, 28 abr. 2025. Disponível em: https://bit.ly/44z25JD. Acesso em: 7 jul. 2025.

EUIPO - European Union Intellectual Property Office. **The development of Generative Artificial Intelligence from a copyright perspective**. Alicante, maio 2025. Disponível: https://bit.ly/4eVHyE1. Acesso em: 7 jul. 2025.

FERREIRA, J. M. Redes, sociedade informacional e internet: os usos políticos do on-line na contemporaneidade a partir da massificação de pós-verdade e fake news. **Norus**, Pelotas, v. 7, n. 12, p. 411- 435, ago.-dez. 2019.

FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretive communities. Harvard: Harvard University Press, 1980.

GHILDIYAL, A. Artificial Intelligence in publishing: navigating the balance between assistance and originality. **Editing Practice**, Hong Kong, v. 2, n. 8, 2025.

HUTSON, J. *Human-AI collaboration in writing: a multidimensional framework for creative and intellectual authorship*. **International Journal of Changes in Education**, [S. l.], v. 12, 2025.

KOUSHA, K.; THELWALL, M. Artificial Intelligence to support publishing and peer review: a summary and review. **Learned Publishing**, Hoboken, v. 37, n.1, p. 4–12, 2024.

KOZINETS, R. V. e SERAJ-AKSIT, M. Everyday activism: an AI-assisted netnography of a digital consumer movement. **Journal of Marketing Management**, [S. l.], v. 40, n. 8, p. 1-24, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/377673259_Everyday_activism_an_

AI-assisted_netnography_of_a_digital_consumer_movement. Acesso em: 30 jan. 2026.

LARSSON, S.; HEINTZ, F. Transparency in Artificial Intelligence. **Internet Policy Review-Journal on Internet Regulation**, Berlim, v. 9, n. 2, p. 1-16, 2020.

LEMOS, A. Materialidades digitais como tecnopolítica. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2026. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/95390. Acesso em: 10 fev. 2026.

LIMÓN, R. Jianwei Xun, the Supposed philosopher behind the Hypnocracy Theory, does not exist and is a product of Artificial Intelligence. **EL PAÍS**, Madri, 7 abr. 2025. Disponível em: https://bit.ly/4krKsBg. Acesso em: 7 jul. 2025.

MESSERI, L.; CROCKETT, M. J. Artificial intelligence and illusions of understanding in scientific research. **Nature**, [S. l.], v. 627, p. 49-58, 2024. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41586-024-07146-0. Acesso em: 30 jan. 2026.

MINARDI, S. *Ipnocrazia*, ecco perché il filosofo Xun non existe. **L'Espresso**, Milão, 7 abr. 2025. Disponível em: https://bit.ly/4eCB3p9. Acesso em: 7 jul. 2025.

PIMENTEL, M.; CARVALHO, F.; SILVEIRA, V. J. IA Generativa pode ser coautora? **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, v. 12, n. 25, 2024. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/5569. Acesso em: 10 fev. 2026.

SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa:** um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Editora Intercom, 2024.

UNIÃO EUROPEIA. High-level Summary of the AI Act. 27 fev. 2024. Disponível em: https://bit.ly/3Gm8KPj. Acesso em: 7 jul. 2025.

UNITED STATES COPYRIGHT OFFICE. **Copyright and Artificial Intelligence**. Washington, D.C., Jan 2025. Disponível em: https://bit.ly/44Au6Am. Acesso em: 7 jul. 2025.

XUN, J. **Ipnocrazia:** Trump, Musk e la nuova architettura della realtà. Roma: Edizioni Tlon, 2025 [edição em inglês: **Hypnocracy:** Trump, Musk, and the Architecture of Reality. KDP, 2025.]

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Isabella Silva Favaretto

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Graduanda em Editoração.
https://orcid.org/0009-0000-7126-6824 • isabella_favaretto@usp.br
Contribuição: Concepção do estudo, Escrita.

Richard Romancini

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Doutor em Comunicação.
https://orcid.org/0000-0002-1651-5880 • richardromancini@usp.br
Contribuição: Escrita – Segunda Redação.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela Cadernos de Conunicação mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A cadernos mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora chefe

Cristina Marques Gomes

Como citar este artigo

FAVARETTO, I. S.; ROMANCINI, R. *Ipnocrazia*: um estudo de caso sobre a Inteligência Artificial na produção editorial. **Cadernos de Comunicação**, v. 30, e93073, 2026. DOI: 10.5902/2316882X93073. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/93073. Acesso em: XX/XX/XXXX